



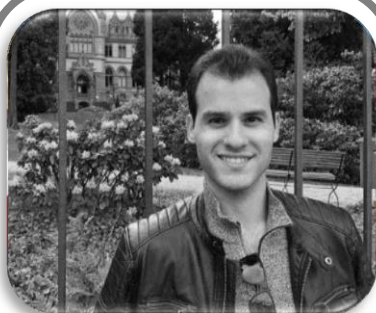
O USO DO ANTIGO PELO NOVO TESTAMENTO: UMA ANÁLISE DO SALMO 22 E SUAS IMPLICAÇÕES MESSIÂNICAS NO EVANGELHO DE MATEUS 27.46

The use of the Old by the New Testament: an analysis of Psalm
22 and its messianic implications in the Gospel of Matthew 27.46

A
R
T
I
G
O

Antônio Hugo Lima Lopes*

Carlos Alberto Bezerra**



* Bacharel em Teologia e pós-graduação em Teologia Bíblica, ambas, pela Faculdade Batista do Cariri, mestrando em Artes e Ministério pela Piedmont International University.



** Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e mestre em Teologia pela FABAPAR. Docente da Faculdade Batista do Cariri.

RESUMO:

O Salmo 22 possui uma íntima relação com a narrativa da crucificação de Jesus. No evangelho de Mateus, Jesus faz uma citação direta das palavras de Davi e eleva sobremaneira o conteúdo de tais palavras. A problematização para essa pesquisa é a seguinte: qual o significado do Salmo 22.1 à luz do registro de Mateus (Cf. Mt 27.46)? A justificativa para tal intento se dá em virtude da existência de muitas evidências de que o Salmo 22 apresenta conteúdo messiânico. O objetivo geral é analisar a citação do Salmo messiânico no Novo Testamento, tendo como objetivo específico identificar qual a relevância desse uso em Jesus.

Palavras-chave: Davi; Jesus, Salmo; Evangelho; Profecia.

ABSTRACT:

The Psalm 22 has an intimate relationship with the narrative of Jesus' crucifixion. In the gospel of Matthew, Jesus directly quotes David's words and raises the subject of those words greatly. The problematization for this research is: what is the meaning of Psalm 22.1 in relationship of Matthew's record (Mt 27.46)? The justification to this research is because there are many evidences that prove that Psalm 22 shows messianic subject. The general objective is to analyse the quote of messianic Psalm in the New testament, having as specific objective to identify what is the importance of this use in Jesus.

Key-words: David; Jesus; Psalm; Gospel; Prophecy

INTRODUÇÃO

De início, declara-se que o Salmo 22 possui uma estreita ligação com a narrativa da crucificação de Jesus nos evangelhos. Nota-se que há variadas discussões envolvendo esses dois textos, tudo porque Jesus faz uma citação direta das palavras mencionadas por Davi em um tempo muito remoto. Contudo, a grande questão não repousa unicamente no fato de Jesus ter citado o rei Davi, mas na profundidade das palavras de Davi que foram proferidas pelos lábios de Jesus, o que elevou sobremaneira o conteúdo de tais palavras.

A problematização em torno desse tema é a seguinte: qual o significado do Salmo 22.1 à luz do Novo Testamento, especificamente na citação registrada pelo evangelista Mateus (Cf. Mt 27.46)? A justificativa para essa investigação se dá em virtude da existência de muitas evidências que apontam para a realidade de que o Salmo 22 apresenta contexto messiânico, ou seja, possui íntima relação com Jesus, o messias prometido de Israel que se manifestou no tempo histórico do qual o Novo Testamento é a fonte de registro.

Busca-se como objetivo geral analisar a citação do Salmo messiânico no Novo Testamento (Sl 22.1 em Mt 27.46), tendo como objetivo específico identificar qual a relevância desse uso para a cristologia, ou seja, o que se tem a dizer sobre a pessoa de Jesus nesse texto?

Para tal pesquisa, foi realizada uma análise bibliográfica sobre o tema proposto, seguindo a fundamentação de estudiosos do Antigo Testamento, como: Futato (2011) e Calvino (2008). Assim como pesquisadores do Novo Testamento, tais como: Campos (2008), Hendriksen (2001) e, além disso, autores que investigam o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, podendo ser mencionado: Blomberg (2014), Carson (2014) e Silva (2016).

Nessa pesquisa, a metodologia adotada para a análise do Antigo no Novo Testamento é a visão periférica cognitiva dos autores bíblicos, onde se entende que os autores do Antigo Testamento possuíam um conhecimento mais abrangente acerca do assunto que foi escrito por eles. Esse empreendimento adentra no campo da intertextualidade. A intertextualidade está inserida na linguística textual que tem sido de vital importância para a análise do discurso. Essa metodologia de análise auxilia na compreensão da relação existente entre o Antigo e o Novo Testamentos. A

intertextualidade conferida denomina-se explícita, sendo esta a responsável pelas citações diretas. (SILVA, 2016, p.5)

No Salmo 22, nota-se que tanto Davi quanto Jesus experimentaram o abandono e proferiram as suas palavras no ápice de suas dores. Fundamentado nisso, surgem questionamentos, como: que palavras foram essas? Qual o contexto em que elas foram utilizadas? Qual a profundidade de tais palavras nos lábios do supremo rei Jesus? As respostas para esses questionamentos serão apresentadas a seguir. Inicialmente, será observado o contexto em que o Salmo 22 foi escrito.

1. ANÁLISE DO SALMO 22

É necessário compreender o contexto do Salmo 22. Este texto é uma poesia. O Salmo 22 está inserido no livro um que corresponde aos Salmos 1-41¹. Dentro deste livro, este salmo está inserido na subcategoria classificada como Salmo de lamento² do indivíduo que é constituído das seguintes características: Primeiro, um apelo inicial. Segundo, um lamento (em virtude de uma situação difícil). Terceiro, uma expressão de confiança. Quarto, uma petição a Deus para que intervenha. Quinto, uma motivação para intervenção divina. Sexto, uma expressão de confiança de ter sido ouvido e sétimo, um voto de louvor e/ou louvor declarativo a Deus. (PINTO, 2006, p. 462) Observa-se ainda que este é um Salmo de Davi, pois é atribuído ao mesmo em sua epígrafe.

Quanto a estrutura do Salmo 22, verifica-se que os dezoito primeiros versículos apresentam o quadro em que o salmista se encontra. Nota-se que ele está em uma

¹ O livro dos Salmos é uma coleção de cinco livros. Esses livros são os seguintes: Livro I, formado pelos Salmos 1-41. Livro II, formado pelos Salmos 42-72. Livro III, formado pelos Salmos 73-89. Livro IV, formado pelos Salmos 90-106 e Livro V, formado pelos Salmos 107-150. A marca da conclusão de cada livro é uma doxologia, sendo o Salmo de 150 um tanto diferente dos demais, uma vez que todo o Salmo é uma doxologia. Essa divisão remonta a tempos anteriores a formação da Septuaginta (c.200 a.C.), pois já se observava as doxologias nos finais dos quatro primeiros livros. PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 452.

² As canções no livro de Salmos se classificam em uma única categoria que é a de Salmos. Todavia, essas canções podem ser subdivididas em diversas categorias, de acordo com certas características. Há seis subcategorias básicas que compõem o Livro dos Salmos. Três delas são fundamentais, a saber as subcategorias dos Hinos, dos lamentos e das canções de agradecimento. Enquanto, há três restantes que não são frequentes como as anteriores, mas são também subcategorias importantes, a saber: canções de confiança, da realeza divina e de sabedoria. FUTATO, Mark D. Interpretação dos Salmos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, aqui e ali.

condição terrível (22.1-13), desesperado quanto a própria vida (22.14-15) e sendo atacado por inimigos não identificados (22.16-18). Em meio a esse cenário, o salmista apela ao SENHOR para que este o tire desta situação (22.19-21).

O salmista tinha convicção que seria ouvido por Deus, então, previamente, já faz uma promessa a Deus de proclamar seus atos poderosos na congregação frente ao seu povo, assim que for liberto dessa situação (22.22-25). Ele acreditava que tal libertação seria suficiente para que toda terra se voltasse para o Senhor e o adorasse (22.27-31)³.

Para uma melhor compreensão, faz-se necessário estar familiarizado com os Salmos desta subcategoria, ou seja, os Salmos de lamento. Explica-se que os lamentos são os Salmos compostos nos momentos mais difíceis da experiência do salmista. Nota-se que nos Salmos de lamento há a predominância de uma tristeza, mas que no final é revertida em alegria. Há um movimento que em maior frequência se move do negativo para o positivo. Percebe-se que os Salmos de lamento visam responder questionamentos como: Quem? Por quê? e O que? (FUTATO, 2011, p.132)

O primeiro questionamento (Quem?) se refere ao ser a quem o salmista se dirige. De forma regular, pode-se dizer que o marcador do início de um lamento é um vocativo feito a Deus, como se observa na tradução do Salmo 22.1⁴:

Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste? Está longe de minha salvação as palavras do meu rugido (Salmo 22.1, tradução do autor).

³ BLOMBERG, Craig L. Mateus. In G. K. Beale e D. A. Carson (Org.) Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 122.

⁴ אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לָמָּה עָזַבְתָּנִי רְחוּק מִיִּשְׁעֹתַי דְּבַרִי שָׁאֲגָתִי (Salmos 22.1 [2], BHS).

O segundo questionamento (Por quê?) busca identificar por qual motivo o salmista está passando por esses problemas. É neste ponto que se descobrem as razões do salmista estar lamentando. A resposta para esse questionamento vem através das queixas e confissões do salmista. Deve-se saber que essa queixa encontrada não se trata de uma reclamação rebelde, antes representa um desabafo emotivo em virtude das lutas que ele tem enfrentado. Tal queixa pode ser dirigida: a outras pessoas, a si mesmo ou a Deus. (FUTATO, 2011, p.134) No caso do Salmo 22.2⁵, nota-se que o salmista dirige a sua queixa a Deus, como pode ser visualizado:

Deus meu, suplico de dia e não me respondes e de noite e não (tenho) silêncio para mim (Salmo 22.2, tradução do autor).

Quanto ao terceiro questionamento (O quê?), percebe-se uma relação com o que o salmista desejava que Deus fizesse por ele. Quanto a isso, há uma variedade de possibilidades de petições, como por exemplo: Se o salmista estivesse em pecado, pediria por perdão (Sl 25.7) Se estivesse enfermo, pediria por cura (Sl 6.2). Se o salmista fosse acusado falsamente, então, pediria por vindicação (Sl 26.1). Se o salmista estivesse sob ataque de seus adversários, deveria clamar por livramento (Sl 17.13). (FUTATO, 2011, p.137-8) No que tange ao Salmo 22.20, Davi se ajusta mais com essa última possibilidade mencionada:

Livra da espada minha alma. Da mão (do) cachorro minha única (Salmo 22.20, tradução do autor).

⁵ אֱלֹהֵי אֶקְרָא יוֹמָם וְלַיְלָה וְלֹא-תִשְׁמָע וְלֹא-תִדְוֹמָהּ לִי (Salmo 22.2 [3], BHS).

Verifica-se que a seção de lamento é extensa neste cântico. Enquanto o movimento de louvor é mais curto e apresenta o tom positivo ao Salmo, nele é possível observar uma declaração de fé ou confiança. Isso é percebido também no Salmo 22.22⁶:

Proclamarei teu nome para meus irmãos. No meio (da) assembleia louvarei a ti (Salmo 22.22, tradução do autor).

Outro fator que pode ser visualizado no movimento de louvor é uma expressão confiante do salmista de que ele obterá uma resposta da parte de Deus quanto ao seu pedido. Há esse reconhecimento no Salmo 22.24⁷, como consta:

Pois não desprezou nem abominou (a) aflição (do) aflito nem tem escondido seu rosto dele. No seu grito por socorro a ele ouviu (Salmo 22.24, tradução do autor).

Além desses mencionados, temos ainda no movimento de louvor um voto ou promessa de ações de graças a Deus e uma oferta de sacrifício no templo, após Deus responder à oração do salmista. O lamento do Salmo 22.25⁸ também exemplifica isso:

⁶ קהל אהללך (Salmo 22.22 [23], BHS)

⁷ כי לא-בזה ולא שקץ ענות עני ולא-הסתיר פניו ממנו ובשנעו אליו שמע (Salmo 22.24 [25], BHS).

⁸ מאתך תהלתי בקהל רב נדרי אשלם נגד יראיו (Salmo 22.25 [26], BHS).

De ti meu louvor na grande congregação. Meu voto pagarei na presença de seus tementes (Salmo 22.25, tradução do autor).

Baseado no que foi apresentado até o momento, Davi é o autor deste Salmo de lamento e expressa através de uma linguagem poética as experiências que estava vivenciando. Ele enfrentava perseguições por parte de seus inimigos e sentia um elevado grau de abandono por parte de Deus, pelo menos inicialmente, mas que posteriormente veio a exaltar ao Senhor seu Deus por o haver escutado, retirando-o da zona de conflito que se encontrava.

Davi faz referência a certas experiências que não se encontram registradas em qualquer outra parte da Bíblia, a ponto de evidenciar que tais experiências foram literais em sua vida. O que leva a considerar que tais registros digam respeito meramente a uma linguagem poética utilizada por ele para mensurar a dificuldade que passava, talvez de uma forma até hiperbólica, o que estaria plenamente coerente com um texto poético.

Agora, será exposta a análise da citação ocorrida em Mateus 27.46, cujo propósito será compreender o novo contexto em que tais palavras foram registradas. Faz-se necessário compreender o porquê do autor do evangelho de Mateus ter registrado tais palavras em seu livro.

2. ANÁLISE DE MATEUS 27

Antes de observar o que é dito no texto de Mateus 27.46⁹, necessita-se estar familiarizado com todo o contexto do livro. Esse evangelho foi escrito pelo próprio

⁹ A partir deste momento, as referências às passagens bíblicas virão de forma abreviada.

apóstolo Mateus¹⁰ em um período de intensificação da divisão entre a igreja e o judaísmo. Quanto aos destinatários deste evangelho, não se sabe ao certo, mas o público alvo parece ter sido os judeus de fala grega. Judeus que viviam na província romana da Síria (que incluía a Palestina). Nota-se uma forte ênfase na messianidade de Jesus e no tema do reino dos céus. O propósito deste evangelho ter sido escrito está associado tanto a um aspecto didático, pois visava esclarecer o programa divino para a presente era, frente a rejeição do Rei-Messias por Israel, quanto a um perfil de teor apologético, uma vez que tinha como alvo provar a uma comunidade judaica que Jesus era o messias prometido de Israel. (PINTO, 2008)

O texto de Mateus 27.46¹¹ está inserido em uma narrativa que se encontra na seção correspondente à crucificação e ressurreição do Rei (26.3-28.20). Percebe-se que quem está proferindo essas palavras é o próprio Jesus Cristo:

Mas acerca da hora nona, exclamou Jesus (com) grande voz (e) disse:

Eli, Eli, lamá sabactâni?

Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?

(Mateus 27.46, tradução do autor).

Sabe-se que Jesus se encontrava próximo da morte e agonizando na cruz (Mt 27.45-49). Ele experimentava uma ausência espiritual da parte de seu Pai celestial. É

¹⁰ Toma-se como pressuposto que foi o próprio apóstolo Mateus o seu escritor. Não é o propósito desta pesquisa discutir as evidências que testemunhem a favor de sua autoria.

¹¹ περὶ δὲ τὴν ἐνάτην ὥραν ἀνεβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῆ μεγάλης λέγων·

ηλι ηλι λεμα σαβαχθاني;

τοῦτ' ἔστιν· Θεέ μου θεέ μου, ἵνατί με ἐγκατέλιπες; (Mateus 27.46, NA28).

válido atentar que das setes declarações que Jesus proferiu quando estava na cruz e que foram registradas nos quatro Evangelhos canônicos, Mateus optou por mencionar apenas esse grito (que é o mesmo grito feito pelo salmista Davi, no Salmo 22.1, relação essa que será exposta detalhadamente na sequência). Observa-se que Jesus se expressa em língua aramaica¹².

É provável que essas palavras tenham ganhado bastante importância ao longo da história da igreja primitiva, isso teria influenciado o autor a registrá-las em sua forma transliterada para o grego, apresentando na sequência sua tradução própria. (BLOMBERG, 2014, p.122)

Quanto a essas palavras de Jesus na cruz, é bastante compreensível a constatação de que tais palavras foram ditas com dificuldade, pois Jesus estava em seus minutos finais de vida, agonizando na cruz. Por isso, pode-se entender a confusão da multidão em pensar que Jesus clamava por “Elias”¹³ uma vez que o nome Elias possuía uma pronúncia muito próxima ao Eli (“Meu Deus”). Eis a razão das pessoas ali presentes se perguntarem se Elias, que era o seu precursor messiânico (de acordo com Malaquias 4.5), viria nos seus últimos instantes salvá-lo daquela cruz¹⁴. Tudo isso porque a multidão havia entendido errado o grito de Jesus. (BLOMBERG, 2014, p.122)

Tudo o que se sabe é que durante essas três horas¹⁵ de trevas intensas Jesus Cristo sofreu de forma tão severa que é difícil descrever em palavras. A razão do sofrimento de Jesus estava relacionada ao fato de que naquele momento ele estava sendo “feito pecado” pelos homens (2Co 5.21) e “uma maldição” (Gl 3.13). Não somente isso, mas Jesus estava

¹² O vocativo “Eli, Eli” também é hebraico (ver Sl 22.1 no original). O restante do dito de Jesus é que seria em aramaico, ou seja, o “lema sabachtani”, uma vez que a linha hebraica do Salmo 22 é Eli, Eli, lama azabtani. Ao comparar o texto de Mateus com o de Marcos 15.34, é aberta a possibilidade de Marcos ter fornecido as palavras na forma exata tal qual Jesus proferiu. Enquanto Mateus pode ter apresentado um texto que vincula a passagem diretamente com o hebraico do Salmos 22 e com as palavras de escárnio que fizesse parecer que Jesus estivesse chamando por Elias. Conclui-se que não há como se ter certeza a respeito de quais foram as palavras exatas: Eli, Eli, ou Eloi, Eloi. Ao que parece nunca haverá uma resposta para esse embate. HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Mateus. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 662.

¹³ Mt 27.47.

¹⁴ Mt 27.49.

¹⁵ Correspondente ao intervalo da hora sexta à hora nona. Mt 27.45.

sendo “ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades”. Deus Pai estava despejando sobre ele “a iniquidade de todos nós” (Is 53). (HENDRIKSEN, 2001, p. 662)

Até o momento, já foi conferido que Davi proferiu palavras poéticas que expressavam sua angústia em determinado momento de sua vida, as quais, muitos séculos depois, foram proferidas semelhantemente por Jesus na narrativa de sua morte, quando ele se encontrava também em uma situação de grande angústia. Nota-se ainda que muitas das experiências que Davi descreve no Salmo 22 foram situações hiperbólicas, enquanto em Jesus foram literais.

O que mais pode ser dito sobre essa relação? O tópico seguinte pretende analisar a relação do Salmo 22 com a narrativa de Mateus 27 que trata sobre a crucificação e a morte de Jesus. Todavia, essa pesquisa não abordará os detalhes das analogias que são encontradas ao longo do registro do Novo Testamento em relação a outros livros do Antigo Testamento, pois não é o seu objetivo.

3. O USO DO SALMO 22.1 EM MATEUS 27.46

O que faz o Salmo 22 ser tão especial, além da razão de ser um Salmo escrito pelo rei Davi, é o fato deste Salmo possuir muitos elementos que correspondem a narrativa da crucificação de Jesus. Pode-se verificar como fatos observáveis em ambos os textos um grito de abandono (Sl 22.1, 2 // Mt 27.46); desprezo e zombaria (Sl 22.6, 7 // Mt 27.39); uma crítica de que o Senhor deve livrar quem nele confia (Sl 22.8 // Mt 27.43); uma experiência de estar à beira da morte, visualizada na ideia de se derramar como água com todos os ossos desconjuntados, o coração derretido como cera e as forças exauridas (Sl 22.14, 15). Quanto a isso, não há uma evidência bíblica que ateste que Jesus tenha experimentado especificamente tal descrição, mas é plausível considerar que qualquer corpo fixado literalmente em uma cruz e vivenciando um processo semelhante, experimentaria tais sintomas, no mínimo, se identificaria com tal circunstância.

Nota-se ainda que em ambos os textos há referência ao ato de estar cercado por observadores perversos (Sl 22.16a // Mt 27.38). Além disso, é válido ressaltar que Davi

faz referência à uma perfuração nas mãos e nos pés¹⁶ (Sl 22.16b). O que se sabe é que Davi utiliza uma figura de linguagem para se referir ao tipo de sofrimento que ele não vivenciou literalmente, mas Jesus, por outro lado, sim. Embora não haja evidência bíblica que aponte para Jesus tendo suas mãos e pés perfurados, sabe-se através da história que esta era a forma dos romanos fixarem os corpos na cruz¹⁷. Por último, em ambos os textos há também o relato de roupas sendo divididas por sorteio (Sl 22.18 // Mt 27.35).

Ao considerar todas essas semelhanças, compreende-se o porquê da igreja ao longo da história ter se questionado se Davi não teria tido intenção de transmitir um sentido mais amplo e messiânico ao texto. Percebe-se que o final do Salmo 22 quase não diminui essa tensão criada. Isso porque a resposta universal e a aclamação de Jesus resultantes excedem em muito a experiência de qualquer monarca da descendência de Davi. (BLOMBERG, 2014, p.122-3)

Por isso, torna-se válido afirmar que o Salmo 22 compreende a paixão de Cristo. Percebe-se que Jesus na cruz orou o Salmo 22.1, fazendo deste a sua própria prece. O próprio autor de Hebreus dá indício de que essa interpretação é coerente, uma vez que o texto de Hebreus 2.12 coloca o Salmo 22.22 nos lábios do Senhor Jesus. É notável que os versículos 8 e 18 do Salmo 22 representem profecias diretas quanto à crucificação de Jesus. (BONHOEFFER, 2017, p.48) Argumenta-se ainda:

Embora Davi outrora tenha orado este salmo em seu próprio sofrimento, também orou porque dele, o rei ungido por Deus e perseguido pelos homens, descenderia o Cristo. Orou carregando Cristo em si mesmo. Cristo acolheu essa oração, e somente em relação a ele ela é totalmente válida. (BONHOEFFER, 2017, p. 48)

¹⁶ Calvino faz o seguinte comentário sobre o texto do “traspassaram minhas mãos e pés”: “Essa palavra tem criado muita polêmica. Na Bíblia hebraica kethib, ou textual é כארי (caäri), como um leão; a redação keri, ou marginal, é כארו (caäru), “eles traspassaram”, de כרה (carah), cortar, cavar ou traspassar. Ambas as redações são apoiadas pelo MSS” (CALVINO, 2009, p. 439). Na obra de CALVINO, João. Salmos volume 1: série comentários Bíblicos. São Paulo: Fiel, 2009. Calvino informa que essa confusão pode ser explicada pela troca da letra yod pelo vav, mas ele informa que a tradução utilizada na redação caäri, como um leão, torna-se incompreensível.

¹⁷ Em 1969, foi descoberto em Jerusalém a ossada de um homem crucificado. Sobre isso é dito: “Entre os restos do esqueleto encontrado havia um osso de calcanhar direito dum homem crucificado, osso que fora atravessado por um prego de ferro de 11,5 cm de comprimento, e presos à cabeça do prego fragmentos de madeira que exames periciais mostraram ser de oliveira” (VAMOSH, 2003, p. 35). Na obra de VAMOSH, Miriam Feinberg. A vida no tempo de Jesus. Braga: Palphot Ltd., 2003.

Os autores dessa pesquisa compreendem que o uso do Salmo 22.1 feito por Jesus em Mateus 27.46 representa um cumprimento do conteúdo messiânico na pessoa de Jesus. O Filho de Deus precisou ser abandonado. Tal opinião se dá pela íntima relação deste Salmo com o que foi vivenciado literalmente por Jesus em todo o processo de seu sofrimento em sua crucificação.

No tópico seguinte, será anunciado o exame da citação que Jesus faz das palavras de Davi no Salmo 22.1 (ver Mt 27.46), buscando compreender do que se tratava este abandono experimentado por Jesus.

4. O SENTIDO DO ABANDONO DE JESUS POR DEUS

Nesse tópico será considerado em que sentido Jesus experimentou o abandono da parte de Deus Pai, o que foi incomparável ao experimentado por qualquer outro homem, incluindo o próprio Davi, que havia sido o primeiro a utilizar as palavras citadas por Jesus na cruz. Parafraseando Allan Harman (2011), é certo que o Salmo 22 só é mais perfeitamente compreendido à medida que é enxergado à luz da aflição messiânica de Jesus Cristo. (HARMAN, 2011)

Tem sido dito que Jesus foi abandonado por Deus, todavia, ainda resta identificar quais foram os resultados deste abandono do Deus Filho por parte do Deus Pai. É certo que esse acontecimento tão grandioso foi resultado de alguns fortes motivos. É possível identificar pelo menos cinco resultados deste evento.

O primeiro declara que Jesus ter sido abandonado por Deus foi resultado da realidade do pecado. É visto que o salmista declara a situação deplorável dos homens ao informar que Deus ao olhar do céu não viu ninguém que fizesse o bem, pois todos estavam igualmente corrompidos (Sl 14.2-3). O próprio Senhor Jesus, ao contemplar o estado do coração dos homens, apresentou um diagnóstico repleto de males (Mc 7.18-23). Até mesmo o irmão de Jesus, Tiago, mencionou que por mais que fosse possível ao homem ser bom em tudo, exceto em um único quesito, seria o suficiente para torná-lo réu de toda a lei (Tg 2.10).

Conforme esse quadro, as Escrituras declaram que todos se encontram em pecado e carentes da glória de Deus. Portanto, Jesus precisou ser desamparado pelo Pai para que

os homens tivessem acesso à glória de Deus. Deus Pai deixaria o seu Filho morrer a fim de que os homens viessem a ser um povo remido de Deus. (CAMPOS, 2008, p. 264-5)

Em segundo lugar, pode-se dizer que o abandono de Jesus por Deus resultou na quebra do poder do pecado. Jesus se fez carne para cumprir a missão de lidar com a ira divina. Ele era o único capaz de lidar com esse problema, por ser quem era. Jesus assumiu o pagamento pelo pecado para que pudesse libertar os homens de tal dívida. Isso fez com que ele fosse o mais rejeitado dentre os homens, ele precisou saber o que era padecer, como disse Isaías (Is 53). O ato de Jesus na cruz o levou a quebrar o poder do pecado sobre os homens e foi o suficiente para livrá-los da maldição divina. (CAMPOS, 2008, p.265-6)

Em terceiro lugar, o abandono por Deus foi resultado da santidade de Deus. Dois grandes motivos que impossibilitam os homens de compreender a dimensão do ato desta separação entre Jesus e Deus Pai se dão em razão de ser algo que ultrapassa o entendimento humano, e também em virtude de não ser possível compreender a dimensão da santidade divina.

A mente do ser humano é finita e se já não fosse suficiente essa realidade, ainda há um sério agravante, pois essa mente finita também é afetada pelo pecado. Esses são os dois grandes empecilhos aos homens de penetrar nas profundezas da santidade de Deus. O abandono de Jesus está relacionado com esse atributo absoluto de Deus: a santidade. O pecado do homem foi tão sério que ativou a manifestação deste atributo divino que resultou em Deus ter que abandonar o seu próprio Filho encarnado.

As Escrituras dizem em Romanos 6.23 que o salário do pecado é a morte. Devido o pecado do homem, Deus precisou abandonar o seu próprio Filho encarnado a fim de não abandonar os homens. Deus precisou desamparar o seu próprio Filho para que os homens não fossem desamparados. Deus sequer poupou o próprio Filho para que os homens fossem poupados em seu lugar. Não se deve esquecer que é Jesus Cristo o Filho amado por excelência, mas de alguma forma no plano de Deus, Ele arquitetou que Jesus fosse abandonado para que os demais homens não o fossem. (CAMPOS, 2008, p.266-7)

O quarto aspecto aponta para a satisfação do sacrifício. O grito de Jesus por ter sido abandonado foi seguido pela expressão “está consumado” (Jo 19.30). O significado é que a ira de Deus agora estava satisfeita por meio do pagamento dos pecados dos

homens. O pagamento oferecido por Jesus foi completo e de uma única vez. Deve-se atentar para o fato de que Jesus Cristo foi o substituto do homem de modo totalmente voluntário. Ele entregou a sua vida para a reassumir (Jo 10.17). Como nenhum outro experimentará, Jesus sentiu o que é cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10.31). Uma grande verdade sobre isso é a seguinte: a fim de que os homens experimentassem “tão grande salvação” (Hb 2.3), Jesus precisou experimentar uma tão grande perdição, ele precisou ser abandonado por Deus Pai.

Nota-se ainda, a respeito do grito de Jesus na cruz, que as suas palavras: “Por que me desamparaste?” estão refletindo o inferno que Jesus Cristo experimentou. Essa frase revela a ira de Deus sobre o pecado de seu povo. É uma certeza que os incrédulos um dia receberão sobre si a ira de Deus, mas não haverá quem a experimente na mesma intensidade que Jesus vivenciou. (CAMPOS, 2008, p.267-8)

O quinto e último resultado demonstra que Jesus ter sido abandonado por Deus revela o seu amor pelos pecadores. Essa é uma grande prova que Deus ama os pecadores, apesar de seus pecados que o desagradam. Há um aspecto confortador no grito de Jesus quando se sentiu abandonado pelo Pai, a saber: quando o Pai o abandonou ele ao mesmo tempo estava mostrando que fazia aquilo por amor aos homens. Para que tais homens fossem poupados, amorosamente ele visualizou os homens com os seus pecados na pessoa de seu próprio Filho e o puniu com sua justiça.

É fundamental saber que a ida de Jesus ao Calvário evidenciou duas verdades: tanto a que Deus odeia o pecado quanto a que Ele tem o seu coração no pecador. Além disso, o próprio Jesus Cristo deu prova de seu amor, pois ele se ofereceu voluntariamente para ser abandonado por Deus. O apóstolo Paulo declara essa verdade em sua epístola aos Efésios: “*E andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave*”. Mediante a essa maravilhosa obra, o Pai deve ser louvado, uma vez que providenciou a entrega amorosa do Filho. Mais o Filho também deve ser louvado, pois a si mesmo se entregou pelos homens, assumindo o alto preço de experimentar o que é ser abandonado pelo Pai. (CAMPOS, 2008, p.268-9)

De fato, Davi e Jesus passaram por momentos muito atribulados quando proferiram o questionamento: “Por que me abandonaste?” Sem dúvida, eles experimentaram o abandono. Mas é certo que ambos desfrutaram do prazer de serem

respondidos por Deus. Todavia, as respostas não foram da mesma forma. A de Jesus, por exemplo, só viria após três dias, quando ele poderia contemplar o fruto do seu penoso trabalho e ficar satisfeito (Is 53.11). A constatação que se pode ter é que Davi sofreu também, mas muito de suas palavras descritas no seu salmo só foram realmente vivenciadas na pessoa de Jesus.

Quanto ao nível dessa separação, há possibilidade de ter sido relacional ou ontológica, até o erudito, Carson (2014), afirma: “Não sabemos porque não fomos informados”. (CARSON, 2010) Contudo, os autores desta pesquisa acredita que houve uma separação a nível relacional. A comunhão entre as três pessoas da Trindade foi interrompida quando Jesus se fez pecado, mas foi restaurada após a sua ressurreição ao terceiro dia.

Quanto ao fato de Davi ter ou não compreensão daquele sobre quem suas palavras melhor se ajustariam, os autores consideram que a visão periférica cognitiva de Davi o possibilitou a um conhecimento além do que veio a expressar no Salmo 22. Ao que parece, é o que o apóstolo Pedro também demonstrava acreditar, como indicam suas palavras: “Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção”¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa chega à conclusão que o Salmo 22 é um Salmo messiânico, pois as experiências mencionadas pelo rei Davi transbordam sua própria existência e desaguam mais perfeitamente em Jesus que as vivenciou cabalmente. O fato é que nesse Salmo, Davi descreve de forma poética uma situação inicialmente penosa, de aparente abandono, mas que veio a ter seu término repleto de ações de graças, uma vez que se alcançou uma resposta satisfatória da parte de Deus.

Nesse relato, há descrições de sofrimento que não se encontram em lugar algum as evidências de que Davi as tenha vivenciado, por outro lado, não se pode dizer o mesmo

¹⁸ At 2.30-31, ARA.

sobre Jesus, pois quanto a ele, há muitos textos nos evangelhos que comprovam que ele experimentou tais infortúnios.

Com isso, constata-se que o Salmo 22 escrito pelo rei Davi reflete muito bem a paixão de Cristo, o Rei dos reis, registrada nos evangelhos. Logo, o fato de Jesus citar o Salmo 22.1 enquanto desfalecia sobre o madeiro, aponta mais para uma apropriação de tais palavras por quem é de direito do que uma mera identificação com a angústia de Davi. Os autores desta pesquisa entendem que em Jesus há um cumprimento profético do que foi relatado de forma poética por Davi no Salmo 22.

REFERÊNCIAS:

BLOMBERG, Craig L. Mateus. In G. K. Beale e D. A. Carson (Org.) **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BONHOEFFER, Dietrich. **Orando com os Salmos**. Curitiba: Editora Esperança, 2017.

CALVINO, João. **Salmos volume 1**: série comentários Bíblicos. São Paulo: Fiel, 2009.

CAMPOS, Heber Carlos de. **Humilhação do redentor**: encarnação e sofrimento. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

ELLIGER, K; RUDOLPH, W. **Stuttgarter Biblia Hebraica**. Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 1997.

FUTATO, Mark D. **Interpretação dos Salmos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Editado por Barbara e Kurt Aland et al. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006.

_____. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

SILVA, Valney Veras. **A Intertextualidade em Hebreus 4**. Revista Colloquium. Crato, v. 1, n. 1, p. 5-19, 1ºSem. 2016.

VAMOSH, Miriam Feinberg. **A vida no tempo de Jesus**. Braga: Palphot Ltd., 2003.